

RESENHA

O MAL NO PENSAMENTO MODERNO: UMA HISTÓRIA
ALTERNATIVA DA FILOSOFIA,
DE SUSAN NEIMAN

BOOK REVIEW: SUSAN NEIMAN'S EVIL IN MODERN THOUGHT:
AN ALTERNATIVE HISTORY OF PHILOSOPHY

NEIMAN, S. *O Mal no Pensamento Moderno: uma História Alternativa da Filosofia* Tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

Rodrigo Inácio

Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP)
diguinas@gmail.com

Resumo: Esta resenha pretende fazer uma breve introdução ao objeto de investigação deste livro, assim como os pressupostos e a metodologia empregados pela autora para empreender esta abordagem rigorosamente filosófica sobre o mal. Ao longo do percurso, Neiman toca pontos fundamentais acerca dos desdobramentos desse problema na modernidade e suas implicações na vida humana, tanto em nível teórico como – sobretudo – prático.

Palavras-chave: Mal, Filosofia, Metafísica, Teologia, Teodicéia, Deus, Iluminismo, Modernidade

Abstract: This review aims at a brief introduction to the object of study of this book, considering the premises and the methodology employed by the author in order to undertake this eminently philosophical investigation on evil. Throughout her *démarche*, Neiman approaches several neuralgic points regarding the unfolding of the problem of evil in modernity and its implications upon human life, not only on a theoretical but also – and specially – practical level.

Keywords: Evil, Philosophy, Metaphysics, Theology, Teodicéia, Deus, Iluminismo, Modernity

O fato de o mundo não conter nem justiça, nem significado ameaça nossa capacidade tanto de agir no mundo quanto de entendê-lo. A exigência de que o mundo seja inteligível é uma exigência da razão prática e teórica, o fundamento do pensamento que se espera que a filosofia forneça. A questão de saber se isso é um problema ético ou metafísico é ao mesmo tempo pouco importante e impossível de solucionar, pois em alguns momentos é difícil vê-la sequer como um problema filosófico. Afirmada com o grau certo de generalidade, ela não passa de uma descrição infeliz: este é o nosso mundo (NEIMAN, 2003, p. 19).

O mal é o objeto de investigação deste livro, que pretende ser, como sugere o título, uma “história alternativa da filosofia”. O mal, que supostamente constitui um problema teológico e que, desde Kant, situa-se fora da alçada da filosofia, para além dos limites do conhecimento racional, é abordado pela autora em bases puramente filosóficas, por meio de uma investigação conceitual feita em diálogo com importantes pensadores da modernidade, do Iluminismo à contemporaneidade.

Dois são os acontecimentos escolhidos por Susan Neiman para definir os pontos de partida e de chegada de sua pesquisa, uma vez que cada um representaria “o símbolo do mal” para suas respectivas épocas: o terremoto de Lisboa de 1755 e os campos de concentração nazistas. Lisboa e Auschwitz: Neiman analisa a natureza desses acontecimentos, bem como as respostas a cada um deles, acompanhando as mudanças históricas que resultaram nas diferentes maneiras de se pensar o bem, a justiça, o sentido e o lugar do homem no mundo, de lá até hoje.

Este livro acompanha as mudanças que ocorreram em nossa compreensão do indivíduo e de seu lugar no mundo do início do Iluminismo ao final do século XX. Tomar as reações intelectuais a Lisboa e Auschwitz como pólos centrais de investigação é uma maneira de localizar o começo e o fim do moderno (NEIMAN, 2003, p. 14).

Entre os europeus do século XVIII de todas as partes, incluindo os ilustres Rousseau, Voltaire e Kant, o terremoto, que abalou Lisboa e, em poucos minutos, pôs grande parte da cidade em ruínas, matando dezenas de milhares de pessoas, inspirou profundas reflexões sobre a Providência, a bondade e a

justiça divina. Dito de outra forma, o terremoto e todas suas funestas conseqüências provocaram um choque generalizado a partir do qual as pessoas buscavam um significado último para aquilo.

Ao longo do Iluminismo, a Europa se encontrava na transição entre uma tradição teológica e uma razão emancipada, autônoma. Se, por um lado, as interpretações religiosas sobre o desastre apontavam para um problema moral das pessoas, que estavam corrompidas e, portanto, precisava-se de um auto-de-fé, por outro, muitos intelectuais e cientistas, baseados na razão auto-suficiente e no espírito científico, buscavam uma resposta racional, natural, para aquele que seria um castigo divino.

A compreensão do que é *o mal* – palavra que, para alguns, nem sequer possui significado e, se possuir, é instrumento de controle, opressão, manipulação – mudou radicalmente do século XVIII ao século XX, sendo inevitável questionar sobre quais pressupostos é possível comparar dois acontecimentos tão intrinsecamente distintos: um terremoto e um assassinato em massa. Ainda que muito do que se considerava mal há três séculos atrás hoje em dia não passe de lei da natureza, a noção de mal persiste no pensamento ocidental e ressurgue sempre que algo nos violenta e nos causa sofrimento, diante do qual não encontramos explicação e nem sequer parece possível algum comentário.

Com nossa visão desencantada e imanentista do mundo, somos incapazes de relacionar um fenômeno geológico com uma entidade sobrenatural que tem vontade própria e interfere na nossa vida, até porque já se tornou socialmente verdadeiro entre nós que Deus está morto, o que é uma vitória ou uma perda crucial protagonizada pelo Iluminismo. Faz tempo que terremotos não passam de terremotos:

Só os teístas tradicionais – ou seja, pré-modernos – buscarão significado neles. *Auschwitz*, por sua vez, representa tudo que queremos dizer hoje em dia quando usamos a palavra *mal*: atos absolutamente daninhos que não deixam espaço para justificativa ou explicação (NEIMAN, 2003, p. 15).

Neiman sustenta duas teses fundamentais: primeira, “o problema do mal é a força condutora do pensamento moderno” e, segunda, “a distinção

nítida entre mal natural e mal moral, que hoje parece auto-evidente, nasceu em torno do terremoto de Lisboa e foi alimentada por Rousseau” (NEIMAN, 2003, p.14). A justificativa de Lisboa como início da consciência moderna em relação ao mal é que, segundo a autora, o terremoto foi bastante representativo de uma mudança de comportamento no sentido de deixar Deus de lado e tomar para si a responsabilidade de viver num mundo imperfeito, que precisa ser controlado, dominado, melhorado por meio do conhecimento. Pois:

Se o Iluminismo é a coragem de pensar sobre si mesmo, é também a coragem de assumir responsabilidade pelo mundo no qual se é lançado. Separar radicalmente o que épocas anteriores chamavam de males naturais dos males morais fazia, portanto, parte do significado da modernidade (NEIMAN, 2003, p. 16).

Mas a aposta moderna na capacidade humana de aperfeiçoar o mundo teria degradingado, pois, se ela tem início na utopia humanista-iluminista – que, numa proclamação de maturidade, decide projetar a existência como se o homem estivesse sozinho e livre para aumentar indefinidamente seu poder sobre a natureza e a vida – degenera em razão instrumental, utilitarista, perversa, na fabricação rentável da morte. Considerando que a aposta permitia esperar que, com a morte de Deus e da autoridade religiosa, o ser humano órfão estaria pronto para seguir seu caminho com independência e responsabilidade, descobrimos em Auschwitz que, se íamos mal com Deus, vamos pior sem ele. “Os jardins do Ocidente estão na hora de fechar” (Cyril Connolly); as fábricas da morte se abrem enquanto começa o crepúsculo da modernidade:

Se podemos dizer que Auschwitz marcou seu fim, é pela maneira como ele marca nosso terror. As concepções modernas do mal foram desenvolvidas em uma tentativa de parar de culpar Deus pelo estado do mundo e de assumirmos sozinhos a responsabilidade por ele. Quanto mais a responsabilidade pelo mal era deixada para o ser humano, menos digna a espécie parecia para assumi-lo. Ficamos sem direção. Voltar à tutela intelectual não é uma alternativa para muitos, mas agora as esperanças de crescer parecem nulas (NEIMAN, 2003, p. 16).

Nunca é demais alertar, garante a autora, para a facilidade que existe de ignorarmos a constelação específica dos valores de nossa própria época, de nossa própria cultura, quando lançamos o olhar a outros momentos da história, com seus problemas e sua mentalidade específicos, mas que tendem a ser moldados

a partir de nossas categorias. Nessa perspectiva, o choque intelectual provocado por Lisboa não pode deixar de ser visto como o reflexo de uma civilização ingênua, em direção à maturidade efetiva, mas que ainda preserva resquícios de uma mentalidade religiosa infantil, que vê em fenômenos tão naturais quanto terremotos e dilúvios um sinal divino. Seguindo Comte (1798-1857), teríamos um Iluminismo ainda preso às formas de pensar tradicionais, a meio caminho entre a era teológica e a era metafísica do pensamento ocidental.

Assim, as ondas de choque intelectual geradas por Lisboa, quando percebidas, são vistas como as dores de parto de uma época mais triste, porém mais sábia, que aprendeu a viver sozinha (Neiman, 2003, 17).

O instinto positivista mais tardio que, muitas vezes, passa despercebido nos julgamentos pessoais, pressupõe que, à era metafísica, sucede a nossa, apanágio da civilização, a era científica, esta sim “mais sábia”, mais adulta, mais avançada. Podemos olhar para trás, dos cumes da História, e ver o quanto, até pouco tempo atrás, ainda estávamos atrasados em termos de pensamento, de domínio da natureza, de progresso, nós que nos situamos no ponto mais avançado que a Humanidade poderia ter alcançado até agora. Fizemos o que podíamos, e se estamos aqui agora, é porque foi impossível fazer diferente, nem para o melhor e muito menos para o pior.

Susan Neiman aponta para a questão de o problema do mal ter sido progressivamente excluído da economia de preocupações da filosofia moderna, uma vez que tendeu cada vez a ser visto mais como uma questão pertencente a esferas de discussão há muito deixadas para trás, tais como a teologia e a metafísica. Se as grandes estruturas de pensamento de outrora representavam um peso e um jugo que impediam o homem de desenvolver sua capacidade de pensar por si próprio e de responder pelos próprios atos, elas ao menos resguardavam uma preocupação em pensar aquilo que podemos aqui denominar de sentido, ou antes, de *finalidade (télos)* das coisas, dos atos, do universo, enfim, a tentativa de apreender a unidade por trás da multiplicidade e o necessário para além do contingente.

Da metafísica à epistemologia: se é verdade que a filosofia moderna se caracteriza por uma progressiva abstração, por uma tendência a se tornar cada vez

mais um discurso sobre as condições e os limites da capacidade humana de conhecer as coisas, não é de se estranhar que o problema do mal vá perdendo espaço. Há uma enorme diferença entre especulações teóricas e problemas que, além de possuírem uma dimensão reflexiva, são antes de tudo problemas que nos afetam direta e concretamente. “Em jogo estão questões sobre como deve ser a estrutura do mundo para podermos pensar e agir dentro dele” (NEIMAN, 2003, p. 17), ainda que essa estrutura tenha se tornado cada vez mais opaca.

Mais do que uma distinção entre *aparência e realidade*, o problema do mal envolve uma distinção entre *o que é e o que deveria ser*: “sempre que emitimos o julgamento *isso não deveria ter acontecido*, estamos enveredando por um caminho que conduz diretamente ao problema do mal” (NEIMAN, 2003, p. 17), problema este que, consoante Neiman, é tão teológico quanto ético. Ele surge das demandas de nossa existência concreta, da urgência em se buscar uma fonte de segurança e paz em um mundo que parece fora de controle, entregue a forças cegas e indiferentes à nossa felicidade. Ainda que seja relativo se um terremoto “deveria” ou não ter acontecido, por mais que tenha causado o sofrimento e a morte de milhares de pessoas, mulheres e crianças inocentes, de forma alguma o será uma barbaridade como o holocausto. Em última análise, a pergunta sobre por que as coisas não são como pensamos que deveriam ser não tem resposta:

Quando se começa a buscar explicação, pode-se terminar em qualquer lugar, do mito, como a Queda, à metafísica, como a *Fenomenologia* de Hegel. O importante é que o lugar por onde se começa é perfeitamente comum (NEIMAN, 2003, p. 17).

O argumento central de Neiman para justificar a pertinência da sua proposta de uma história alternativa da filosofia moderna tendo como eixo temático o problema do mal é o seguinte: da metafísica à epistemologia, é difícil acreditar que os pensadores modernos foram movidos simplesmente por um desejo de conhecer a realidade ou a linguagem, descrevendo-as por meio de sistemas e conceitos. É de se suspeitar que algo mais premente, mais concreto, impele os filósofos modernos, senão desde sempre, a tentar compreender como as coisas são e por que são diferentes de como podem ou devem ser. Segundo Susan Neiman, esse algo seria o problema do mal, entendido aqui como a ameaça daquilo que não esperamos nem desejamos, porque nos causará sofrimento e morte. O medo diante do caos, *Agnes*, São Paulo, (8), 191-201, 1.sem., 2008

do nada, da dissolução, do imprevisível, do inevitável; em linguagem hegeliana, o descompasso entre o real e o racional, que causaria a angústia profunda geradora do impulso filosófico.

A história da filosofia moderna, cujo mal é o tema central, parte da pergunta do por que, uma vez tendo sido plantados os alicerces filosóficos de uma civilização ideal, harmônica, tal esperança não se realizara? Algo de incômodo, que deveria ter sido eliminado ao longo do processo de emancipação humana, parece persistir como uma sombra do passado, só que agora carecemos de recursos adequados para lidar com essa fantasmagoria. Neiman sustenta a tese de que o mal permanece subterraneamente na filosofia moderna, como um espinho indesejável na carne, e por isso uma história filosófica do mal se justificaria. Da descrição das estruturas básicas da realidade à análise crítica das faculdades humanas de conhecimento:

Não há nenhuma boa razão para a história da filosofia ter consistido nessa história: como o próprio Descartes sabia, ninguém exceto os loucos realmente chega a pensar que todas as nossas representações podem ser sonhos. Ao longo da *Crítica da razão pura*, Kant escreveu que alguma coisa precisa explicar o esforço incansável que os filósofos dedicam a um assunto que não traz resultados. Ele pensava que os esforços não podiam ser guiados apenas por pura especulação. São penosos e frustrantes demais para serem movidos por finalidades e problemas que não sejam urgentes (NEIMAN, 2003, p. 18).

Essa é, pois, uma das teses centrais que a autora defenderá ao longo do livro, tentando mostrar que “a filosofia dos séculos XVIII e XIX foi guiada pelo problema do mal” (NEIMAN, 2003, p. 19), sendo este um princípio organizador oportuno para a história da filosofia moderna, pois vai de encontro a um grande número de textos, além de tentar responder à pergunta de Kant sobre “o que leva a razão pura a realizar esforços que parecem não ter fim nem resultado?” (NEIMAN, 2003, p. 19). As outras teses sustentadas por Neiman são:

- O problema do mal pode ser expresso em termos teológicos ou seculares, mas ele é fundamentalmente um problema sobre a inteligibilidade do mundo como um todo. Assim, não pertence nem à ética nem à metafísica, mas forma um elo entre as duas.

- A própria distinção entre males naturais e morais é uma distinção histórica desenvolvida durante o debate.
- Dois tipos de ponto de vista podem ser identificados desde o início do Iluminismo até os dias de hoje, independente do tipo de mal em questão, e ambos são guiados mais pela ética do que por preocupações epistemológicas. Um deles, de Rousseau a Arendt, insiste em que a moralidade exige que tornemos o mal inteligível. O outro, de Voltaire a Jean Améry, insiste em que a moralidade exige que não o façamos (NEIMAN, 2003, p. 20).

Admitindo sua simpatia pessoal em relação ao primeiro grupo de filósofos, ainda que reconheça a força do segundo, Neiman insiste em que o problema do mal deve ser inteligível, se não tanto no seu princípio ou causa, mais pelos seus efeitos. É porque a concepção do mal muda ao longo da história e também das culturas. Há “três séculos atrás, a tortura pública até a morte era aceita por toda a parte”, coisa que hoje “é condenada quase universalmente, independentemente das diferenças de princípios” (NEIMAN, 2003, p. 21). O fato de não dispormos de um princípio geral para definir o que é o mal em si não impede que tenhamos paradigmas éticos específicos, por mais mutáveis que eles sejam, e que estão relacionados a uma noção bastante geral do que consideramos errado ou mau. Susan Neiman explica:

Meu interesse é a relação não da teoria com a prática, mas do princípio geral com o paradigma específico. Pode não haver nenhum princípio geral provando que a tortura ou o genocídio são errados, mas isso não impede que os consideremos paradigmáticos do mal (NEIMAN, 2003, p. 21).

O intuito, portanto, não é oferecer uma definição do mal em si, encontrar-lhe uma propriedade intrínseca, mas identificar e compreender o que o mal faz conosco, o que ele causa em nós. Segundo Susan Neiman, isso poderia ser dito da seguinte forma: o mal ameaça nossa viabilidade e nossa preservação no mundo ao mesmo tempo em que abala nossas crenças nele, na esperança de que ele faça sentido, seja justo, seguro etc. Por isso ela tem interesse em “explorar aquilo que as mudanças em nossa compreensão do problema do mal revelam sobre as mudanças em nossa compreensão de nós mesmos e de nosso lugar no mundo” (NEIMAN, 2003, p. 22).

Mesmo sabendo que seria vantajoso marcar o começo cronológico da sua pesquisa (ainda que o livro não siga uma ordem cronológica, mas temática) algumas décadas antes, de modo a incluir as *Meditações* cartesianas com sua hipótese gnóstica do gênio maligno, ou mesmo a obra de Spinoza, ambos tão seminiais para se compreender discussões posteriores sobre o mal, Neiman escolhe como marco inicial a publicação do *Dicionário* de Pierre Bayle, em 1697. Seu argumento para a escolha é que Bayle pertence a um momento um pouco posterior, e ela prefere restringir a discussão ao período quando “começamos a ser quem somos de forma mais reconhecível” (NEIMAN, 2003, p. 2007). Sendo o seu lugar de fala, o nosso Ocidente contemporâneo, um ambiente supostamente perturbado pela gradativa insolubilidade (que é inversamente proporcional à expansão do) problema do mal (o grande fracasso da modernidade), conforme ela defende, então sua escolha não é arbitrária:

Se a história, como escreveu Bayle, é a história dos crimes e infortúnios, tentativas de dar conta dela estão fadadas não apenas à falsidade, mas também ao ridículo. Considerar que o Iluminismo começou com a pressão de provar que Bayle estava errado é uma escolha, mas não é uma escolha arbitrária (NEIMAN, 2003, p. 22).

A escolha da autora pela forma temática e não cronológica, como seria de se esperar de uma história da filosofia, cumpre, entre outras coisas, a função de enfatizar a impossibilidade de esgotamento da questão trabalhada, dada a extensão vertiginosa das fontes e dos desdobramentos da discussão. O princípio organizador que o livro segue na sua forma temática propõe a divisão dos pensadores segundo sua posição teórica perante o problema do mal: por um lado, aqueles que insistem haver, para além das aparências, uma ordem inteligível que redima a contingência e o caos presentes na experiência sensível. Nesse grupo serão agrupados Leibniz, Pope, Rousseau, Kant, Hegel e Marx. Por outro, aqueles que negaram a existência de alguma instância metafísica para além das aparências e que repudiam a inteligibilidade do mal. São eles Bayle, Voltaire, Hume, Sade e Schopenhauer. Quanto ao fato de Nietzsche e Freud, que também são interlocutores, não estarem incluídos em nenhum dos grupos, Neiman explica que eles “não podem ser encaixados em nenhuma das duas categorias, por mais amplas que sejam, contudo levantaram questões suficientemente para merecer seu próprio capítulo” (NEIMAN, 2003, p. 23). Por fim:

Conforme argumento no capítulo final, o século xx apresenta problemas filosóficos específicos. A fragmentação da tradição será refletida em respostas fragmentárias ilustradas por Camus, Arendt, Adorno, Horkheimer e Rawls (NEIMAN, 2003, p. 23).

Caso se objete que uma tal classificação perde de vista muitas diferenças cruciais entre os respectivos pensadores, Neiman contra-argumenta que, não obstante, essa divisão não é menos pertinente e frutífera do que aquela, mais comumente assumida, entre racionalistas e empiristas, divisão esta que provavelmente nem sequer era evidente para muitos dos filósofos classificados de uma maneira ou de outra.

Correlacionando as oposições entre aparência/realidade e entre o que é e o que deve ser, na discussão sobre a inteligibilidade ou não do problema do mal, Neiman pressupõe que o que a experiência nos oferece aos sentidos nos leva a inferir que as aparências são a revelação imediata da (aparente) ausência de sentido e de bem no mundo. Segundo ela, “a preocupação que alimentou os debates sobre a diferença entre aparência e realidade não foi o medo de que o mundo pudesse, no final das contas, não ser como nos parecia – mas sim o medo de que fosse” (NEIMAN, 2003, pp. 23-24). Por fim, ela garante que uma pesquisa extensiva da discussão histórica sobre a relação entre os dados dos sentidos e as idéias do intelecto, e sobre em qual dos dois reside a instância última de julgamento, nos levaria no mínimo a Platão, senão aos pré-socráticos.

A proposta de Neiman é mais modesta do que isso, sem deixar de ser ousada e original. Seu livro é um primoroso e maduro, profundo e acessível trabalho sobre o problema do mal – tão pejorativamente associado aos discursos religiosos e de autoridade do passado ou, na modernidade, considerado, quando muito, pelas correntes de orientação fenomenológica –, analisado pela autora com base nos principais representantes da filosofia moderna, abarcando uma enorme variedade de textos e de respostas à questão – muito embora suas premissas e suas escolhas metodológicas possam levantar objeções acerca de presenças e ausências, diretrizes e enfoques. *O mal no pensamento moderno: uma história alternativa da filosofia*. Em suas próprias palavras:

Chamei isto de história alternativa da filosofia porque seus objetivos são tão diferentes quanto seu estilo e seu método. Um dos objetivos, na feliz expressão de um leitor anônimo, é reorientar a disciplina para as verdadeiras raízes do questionamento filosófico. (...) Este livro não se destina apenas a ser interessante tanto para quem é filósofo profissional quanto para quem não o é, mas a mostrar que, ao longo da maior parte de sua história, a filosofia em si foi interessante tanto para quem era filósofo profissional quanto para quem não o era. Como muitos outros, cheguei à filosofia para estudar questões sobre e vida e morte, e aprendi que a profissionalização exige que as esqueçamos. Quanto mais eu aprendia, mais me convencia do contrário: a história da filosofia era de fato animada pelas questões que nos haviam levado até ela (NEIMAN, 2003, p. 25).

Recebido em abril de 2008.

Aprovado em maio de 2008